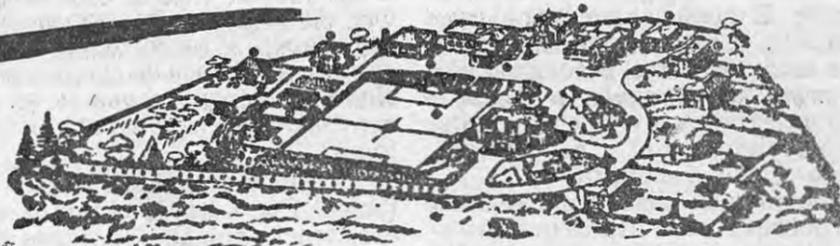




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ~ N.º 238 ~ [PREÇO 1000



Aqui, LISBOA!



Crónicas de África

Há cinco anos que não punha os pés no *Bairro das Latas* de Coimbra, onde a Obra da Rua ensaiou os primeiros passos e onde também fiz tarimba durante cinco anos. Fiquei pasmado pela transformação operada neste tempo. O bairro praticamente desapareceu.

Abriam-se ruas novas, construíram-se prédios, a Câmara levantou algumas casas de renda acessível, operários modestos com os seus próprios recursos edificaram algumas casitas e, o que falta, em breve surgirá. O «Património» vai começar com cinco casas em terreno oferecido pela Câmara, a Misericórdia de certo não ficará nos barracões provisórios que ali fez e, os operários, superiormente orientados, vão abalançar-se à auto-construção das suas casas, no que irão dar ao País e ao mundo, um exemplo de quanto pode a união e a boa vontade da sua classe.

A iniciativa é nova, que eu saiba, cá no País, mas não no estrangeiro. Há dias, os jornais davam conta de ter sido visto, de serra na mão, entre os operários, o Arcebispo de Montreal, a animar os operários na auto-construção das suas casas. Na Espanha, na Colômbia etc. trabalha-se activamente.

Em que consiste afinal a auto-construção?

Muito simples: quinze a trinta operários unidos no mesmo pensamento e boa vontade, põem em comum os seus braços e as horas livres do seu dia de trabalho. Terminado ele, em vez de irem para a taberna ou para outras desastrosas distrações, vão aplicar a sua actividade, cada qual no seu officio, na construção duma casa. Os que são pedreiros constroem as paredes, os serventes fabricam blocos ou chegam os materiais, os carpinteiros preparam a caixilharia, os estucadores e pintores fazem os acabamentos e, deste modo, sem outras despesas que não sejam os materiais e transportes, as casas vão surgindo, umas atrás das outras. Cada operário ficará com a sua.

Isto não é utopia nem tampouco socialismo: é apenas a realização prática daquela máxima do Apóstolo—ajudai-vos uns aos outros a levar o peso da vida, e assim cumpriremos o preceito do Mestre.

Há tempos por estas e outras ideias postas a correr mundo pelo «Gaiato», um velho conservador rejeitava-o nestes termos:

—Tire-me daí esse jornal que é socialista!

—E tu que respondeste? Perguntei.

—Que se ele era socialista, Cristo era o maior deles e o Evangelho o seu compêndio.

—Muito bem!

Mas voltemos à auto-construção. O Engenheiro Horácio de Moura, num livro agora publicado, «Um Estudo Social», expõe tecnicamente todos os pormenores e fases da auto-construção. Ele mesmo está a orientar os trabalhadores. Os Industriais começam a interessar-se e, a seu tempo, o Estado há-de participar. A Igreja, na pessoa do Bispo de Coimbra abençoa e anima. O Padre João (qual o operário de Coimbra que o não conhece?) anda a queimar-se na empresa, a obra vai. Tem de ir!

Coimbra que teve a primeira Universidade, a primeira Rainha Santa, o primeiro bairro operário, a primeira Casa do Gaiato (e até o primeiro trolley bus) vai levantar mais uma vez a bandeira.

Desapareceu o Bairro das Latas! O Barredo irá a seguir; depois será a vez das Curradeiras. A Câmara do Porto já falou e em Lisboa estão a falar os vicentinos. Vamos a ver se não ficam só em palavras. E o Património dos Pobres?

Marcado que foi o dia da nossa partida para a cidade da Beira, toca a fazer as malas e a pedir a conta ao hotel. Enquanto o fazíamos, soube da boca do gerente que eram nada menos de três as entidades empenhadas em satisfazer; e disse-me quem. Conversamos. Fiz uma contra proposta: à minha conta ficaram os extraordinários e o que sobrasse seria dividido pelos três. O meu primeiro desejo era não sobrecarregar. Como temos rapazes da Obra em Lourenço Marques, quase sempre vinha um jantar connosco o que levava a conta a muito alto. Mas ele havia mais. Eia outro motivo. Outra razão. É que o Júlio ficou-me por muito preço durante aqueles dias e eu queria naturalmente esconder. Júlio afez-se a bebidas tropicais. O gosto tomou-lho em Leopoldville. Melhorou em Joanesburgo. Aqui

Continuará a sua missão até ao fim do mundo. Em todos os tempos e em todos os lugares haverá Pobres sem braços, sem horas livres, sem força e sem pão, para os quais é preciso pôr tudo adiante. E haverá lugar para a Justiça, para a Misericórdia e para a Caridade.

PADRE ADRIANO

atingiria a perfeição se eu tivesse deixado. Júlio encareceu a conta do hotel. Eu pretendi esconder, sim, mas não me foi possível. Os nossos amigos tomaram em pouco o muito que nos deram e nós viemo-nos embora totalmente saldados. Manhã cedo e já voávamos sobre a cidade a caminho da Beira. Em Lourenço Marques o dia começa com o sol. Ali trabalha-se. Saímos pela Ponta Vermelha. Atravessamos o Mangal e agora vem a floresta. Aqui e além há sinais de culturas e habitações de gente branca; porém, o mais, está por fazer. Enquanto voamos divisa-se ao longe e ora, mais perto, distingue-se; é um aglomerado de casas. Muitas casas. Uma igreja. Jardins e pomares, uma ponte e um cais. O mar. Júlio não sabia. Eu também não. Do lado oiço. Era Inhambane.

Descemos por gasolina. Além do pessoal estava casualmente um habitante da vila, que se dirige a mim e faz muitas perguntas e informa que ali nos esperam e gostaria que ficássemos já e tem ali o seu carro e telefonaria para a Beira e mais e mais e muito mais. Eu não conhecia este senhor; tão pouco alguém, dentro da vila; e cuido que todos estariam para mim nas mesmas condições, e apesar disso, com o ser desconhecidos, nós todos nos amávamos a pontos de ser rogado para ficar e eu com pena de não o ter feito. A tal ponto Deus nos ama e nos junta e nos conhece, que n'Ele e por Ele nós todos fazemos Um. Admirável o Evangelho! Com este pensamento nos despedimos. A demora foi breve. Um instante e voávamos ao nosso destino. Inhambane vai ficando para trás, mas ia e ainda hoje está no meu coração. Como já foi aqui dito, a população inteira, Governador à frente, tiveram ocasião de confessar que são portugueses e amam Portugal.

A pequenina nave adeja. Poucos lugares e nem todos ocupados. Não há com quem falar. As vistas são as mesmas. Dir-se-ia que no mundo há terras a mais, mas feitas as contas não é assim. O que parece a mais é preciso e está à espera de quem faça produzir. Agora percorremos extensões alagadas. Muito lodo. Pântanos. Mar. Eu espreitava. A Beira devia estar perto; e a cidade apareceu.

Eram 9 horas quando pousamos. O António Frois adianta-se e vem-me dizer que eu tenho um quarto em sua casa. Mas ele foi prático quando lhe pedi dispensa e dei as razões de preferir um hotel. Compreendeu e disse que sim. Momentos depois dávamos entrada no Savoy.

OS NOSSOS LIVROS

Pedi ao Júlio notícia dos vendidos e por vender e ele vai e vem-me dizer que três partes já andaram e que não teremos livro para este verão! Sabendo-se que a tiragem foi de 10 mil e que em Dezembro do ano passado começou a sua distribuição, nota-se que nem os livros escandalosos costumam atingir um tal repente. Ou será *O Barredo* um escândalo?!

Quanto a preços, o livro vai sem ele. Leitores há que compram um e ficam a pagá-lo por aí fora às prestações de 50\$00! E se fossemos a dizer de loucuras semelhantes não haveria tempo nem espaço disponíveis; de tantas e de tamanhas!

Posto isto que dissemos e para que o próximo verão não seja triste, eu tenho chamado o *Preta* para o pé de mim, a quem dito e ele escreve. É *O ovo de Colombo*. Val sair um pequenino livro com este nome. Fala do *Património dos Pobres*. Mais escândalo. Nós somos hoje em Portugal o escândalo, porque tivemos a ousadia de libertar Cristo Jesus da Mortalha. Muitos há que não gostam. Antes O queriam morto. Dá menos trabalho. Não incomoda. Mas nós preferimos o escandaloso e por misericórdia de Deus pregamos no Mundo a alegria suprema de Cristo Ressuscitado. Depois do *Ovo de Colombo* que será um livro de praia, volveremos às edições do costume, tamanho e número da tabela; e a primeira terá o nome de *Viagens*. Tudo isto, já se vê, é o meu programa. Porém, tendo Deus outro, nada disto que digo será.

POBRES

A única maneira de os combater consiste em ajudá-los racionalmente. E quem souber fazê-lo *crístamente*, realiza no mundo a obra que mais importa porquanto nisso prova ser discípulo de Jesus e tem assegurada a vida eterna. Nisto se resume a Lei e os profetas. Tudo o mais é mentira.

Demos uns dias desta semana aos pobres rurais. Muito que observar, muito a que acudir. Ajudar nem se fala. Aqueles a quem Deus dá capacidade de se afligir, encontram nesta sorte de pobreza, verdadeiros filhos humanos.

Esta pobre de quem ora me vou ocupar, esteve num hospital em pequenina e por incurável veio embora.

Hoje é num catre aonde tudo falta e o pouco que ali tem, não devia estar, por impróprio. Tinha ela nas mãos um catecismo. Pergunto-lhe se sabe, se pode, e se gostaria de ler, tendo recebido por resposta um sim a cada uma das minhas perguntas. Ela gostaria de ler. No hospital aprendeu as primeiras letras, com uma doente da sua idade e depois que de lá veio, foi uma sua prima. Esta acabou a obra. A doente aprendeu para um fim determinado e com uma grande paixão. Ela mesmo vai declarar. Quando lhe pergunto que livro prefere, vem a resposta num instante: Quero ler a Sagrada Escritura! Imediatamente explica-me por palavras suas de como se applica ao estudo até chegar a ler com perfeição. Aqui faz uma leve pausa, coloca os olhos na enxerga e murmura tristemente: morro sem ler a Sagrada Escritura por não ter quem ma dê...!

Ao redor tudo era desolação. Numa pedra que faz de lareira, havia cinza. Três tigelas por lavar tinham servido ao caldo feito por uma irmãzita, que também não lavou a panela. Nem as coisas no seu lugar, nem lugar para as coisas! A mãe, a um canto e sobre uma outra enxerga, passa as contas, sem forças para mais nada. Os visinhos fogem por medo. Apenas uma se ofereceu para lhe lavar a roupa por paga e também por amor! Eu estou ali ao pé. A parálitica não tirava os olhos daquela posição, nem saíra da mesma tristeza e continua baixinho: *morro sem ler a Sagrada Escritura*. Fora, junto à porta, canta um pisco no silvado...

Despedi-me inundado. A casa dos pobres é verdadeiramente a casa de Deus e a porta do Céu. Ali tudo é maravilhoso. Os de fora não atingem a grandeza dos que lá moram nem o trato familiar de Deus. É um sacramento.

Eu quero ler a Sagrada Escritura. Tantas histórias. Mestres de novelas. Romances. Toda a sorte de livros. Nada disso. Podia a parálitica ter pedido a vida dum santo, por isso lhe estar a carácter. Mas não. Ela vai à fonte. Vai à origem. Pede o principal; *eu quero ler a Sagrada Escritura*. É sou eu, pecador, quem ela escolhe para lhe fornecer o tesoiro! Quem merece tanto?

O dia estava para a romaria e guardado para maiores inundações. Mais pobres. Mais riqueza, que o mundo ignorante ateima em abandonar à procura de oiro falso. É a mãe que vem aqui ter. Traz ao colo a sua doente, uma criança loira de cinco anos, por quem se estão dando voltas para a colocar num sanatório marítimo. Mãe e filha subiram ao nosso hospital, aonde são camas feitas, algumas ocupadas. A pequenina enferma

põe os olhos em redor e pergunta à sua mãe se é para este hospital que ela vem. A mãe, por seu lado, quer saber a razão duma tal pergunta e a criança de cinco anos de idade responde: *é que eu só vejo aqui meninos, minha mãe*. Espantoso!

E esta beleza ia-se tornar disforme! Por falta de recursos e de assistência pública, seus pais estavam já resignados. A própria mãe o confessou: *O meu homem fez-lhe umas muletinhas*. Assim se perdia uma mulher! Mulher que nos planos de Deus, tem a sua posição marcada. Estes raciocínios são o material que serve para fazer justiça e sem eles não se faz. A mãe da pequenina enferma teve rasgos de eloquência, ao pé de mim, ao desfiar os passos dolorosos que deu, enquanto tratou do bem da sua filha, com as autoridades locais: *olhe que eu botava-me de joelhos e eles tinham coragem de me dizer que não*. É raro topar se palavras mais adequadas. Aquela coragem! Aquele eles! Eles, gente de longe. Eles, gente de fora que não conta, que não vive, que não ama. Eles—os mortos! Só os mortos são capazes de uma tal coragem. Não sentem.

UMA CARTA

«Desde há anos que eu sigo com crescente interesse a sua obra. Não minto se lhe disser que tenho tanto amor como os gaiatos (ao fundador dela), mas antes de mais nada, eu vou dizer-lhe qual a razão que me leva hoje a escrever-lhe.

É, nem mais nem menos que «o caso do Loirinho» e de outros loirinhos na situação desse. Eu sou como ele, «um sem pai» e sempre que vejo, por intermédio do «Gaiato», o ardor com que o Bom Pai Américo condena os algozes dessas pobres vítimas inocentes, sinto-me comovido em extremo.

Parece impossível que uma criatura que nunca conheceu a degradante situação de «filho de pai incógnito», deplora com tamanho humanismo a infelicidade dos que nascem nessa situação. Sempre tive a impressão de que para compreender um sofrimento como esse, era preciso vivê-lo, mas, finalmente, encontro alguém que o adivinhou.

Ao contrário do que muita gente imagina, uma pessoa nessa situação, sofre muito mais em criança do que depois de adulta. Pode viver-se na miséria ou na abastança, que esse complexo de inferioridade perdura sempre.

Pode crer, Pai Américo, que todos os carinhos dispensados a esses infelizes serão insuficientes para apagar nos seus espíritos a marca que o destino lhes legou, porque durante um grande período da sua infância eles vivem obsecados, embora o ocultem, por essa infelicidade.

Como já lhe disse, eu também não tenho pai. Não o conheço, apenas lhe sei o nome, o que já não é mau de todo, admitindo que outros nem isso sabem. Sofri muito em criança, por causa da minha situação. O meu maior desgosto, recordo-me muito bem, era ouvir os meus companheiros de folgedos ou de estudo invoca-



O pé descalço destoa, na verdade. Nós cá por casa não damos grande conta, mas os de fora dão. Exemplo: era duma vez eu que recebi um postal ilustrado. Tinha chegado um *Brasileiro* à estação de Cete. Havia a música. Muitos espectadores. Muito pé descalço. Isto era o postal que me mandaram. Os meus companheiros de trabalho, ingleses todos, tiram-mo das mãos enquanto mostram uns

aos outros, espantados. Foi então que eu vi a desgraça do *bear foot*. Era assim há 30 anos e hoje ainda.

Nós somos pobres. Ele há por aí umas fumaçazitas, sim, porém farrapos e farrapões é que dominam. Aqui temos uma família que hoje vive em casas do *Património*. São todos de pé descalço. Este é o teor das maiorias. Além da casa esta viúva tem uma tença que lhe damos das esmolos que nos dão. Como esta, outras. Estive ali ontem. A mãe andava a dar o dia num aterro; perto estão-se erguendo mais casas do *Património*. Levava comigo o dinheiro do mês. Pergunto pelos filhos. Dois eram na escola e o mais pequenino ao pé dela. Pergunto se à chegada eles tem de comer. Que sim. *Está o caldo ao lume*. Eu quis e fomos ver. Uma panela de ferro estava na lareira arrefecida. Tiro o testo. Meto a colher. Cheiro. Provo. Era o que eles tinham para comer à chegada da escola! A mãe vence os trabalhos. Tudo arrosta. Tudo padece e ainda lhe sobram forças para mandar os dois filhos à escola! Grande mãe! Bem merecia que nós a calçassemos!

Depois de ter provado o que estava na panela, de novo ponho o testo e faço pausa. A lareira era fria! A mãe adivinha o meu pensamento e sem nada lhe perguntar é ela mesma quem diz que os pequeninos aquecem o caldo logo que chegados. Eu continuo triste. São estes que estão aqui ao pé da mãe e ela viúva! O caldo não tinha cheiro, nem gosto, nem prestava alimento. Se não fora o frio que Deus costuma dar consoante a roupa de cada um, mal iria à humanidade! Naquele sítio, àquela hora e na presença de tais factos, cai necessariamente por terra a teoria das vitaminas e os seus teóricos são confundidos.

Sim, eu estava triste, mas muito mais fiquei quando ela me disse que não. As crianças não tinham pão! Quase que desmaiei, e ela, a mulher forte, tenta confortar-me. Que não é sempre. Que às vezes calha não haver, mas a vida dum pobre, informa ela, é assim. Depois do que, mete a mão na algibeira, toca o dinheiro que momentos lhe tinha entregado e declara com os olhos — *hoje vamos ter pão*. Se para algo o dinheiro presta; se alegria, se remédio, se força, se esperança, se sangue; se tudo isto junto, o que eu dei a esta viúva é tudo isto. E quis Deus entrar naquela casa pelas mãos de um pecador!

Eu quis saber mais. Quis ir até ao fundo; se ela estava realmente assim tão desprevenida. As mães compreendem tudo. Sentiu a minha hesitação e vai dizer a verda-

rem o nome de *Pai*. Se estava alegre, logo me invadia imensa tristeza ao pensar que nunca me seria dado pronunciar essa palavra com aquela ternura que eles empregavam ao dizê-la. Devo já estar a aborrecê-lo, mas creia, o meu único desejo é, através do meu sofrimento, fazer-lhe ver tudo o que sofrem esses rapazinheiros que não têm pai, e agradece-lhe de todo o coração o carinho que dispensa sempre a esses inocentes.

Peço-lhe que me perdõe a maneira como me dirijo a si, Pai Américo, mas não posso tratá-lo doutra maneira. Já de há muito que eu o trato assim em pensamento.»

Em vez de escrita para ser lida, a pessoa que assim me escreve pudera ter-se apresentado em Lisboa no Congresso Nacional de protecção à criança que teve lugar em Novembro do ano passado. Bem puders, sim. Teria sido o melhor documento, a melhor peça e a maior testemunha... de acusação! Se depois de tanto que se tem dito a seguir àquela data, mais isto que agora todos ouvimos; se depois de tanto, digo, os responsáveis não se mexem, é que temos a lepra. Somos leprosos. Perdeu-se a sensibilidade. Quem prega ao mundo os inocentes? E quem é que escuta os pregadores? Se ninguém — mais lepra. Eis.

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO QUE DEVEM ADQUIRIR

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

N. B. — Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas livrarias do país. É um exclusivo da nossa Obra.

OUTRA CARTA

«É verdade, faz por esta altura um ano, que enviei o primeiro donativo para a viúva da «Nota da Quinzena» e que se Deus o permitisse iria todos os meses. Deus permitiu, e mais, ajudou.

Veio o seu apelo, num momento em que eu sentia a necessidade de fazer qualquer obra boa, para que Deus ajudasse a futura mãe e aquela que dentro em breve viria ao mundo. Tudo correu bem, tudo tem corrido bem e no próximo dia 8 de Abril faz o seu 1.º aniversário.

Por todo o bem que tenho recebido, de que meu filho é o espelho, pelo seu 1.º aniversário, e por reconhecer que Deus não me tem feito sentir a falta do que tenho enviado e por calcular as dificuldades que esta viúva ainda há-de ter, tencionava passar a enviar-lhe 100\$ mensais.

Como hoje vem outro apelo, deixo que o meu bom Padre, resolva o que achar mais justo.

Creia-me com muita admiração e muito grato pelo bem que nos faz.»

No derradeiro número e ao falar daquela mulher que ora ficou sem o marido e oito filhos dentro da porta, enquanto fazia um pelo para este caso, trouxe a lume aqueloutro da viúva da Nota da Quinzena e lembrei que, alguém do Porto, tinha tomado à falta conta sem jamais desfalecer, a soma de 50\$ por mês. Pois bem. Esta carta é o clarão. Nela e por ela vemos toda a beleza. O que este senhor diz, pois vejo que se trata dum senhor; o que ele diz não se comenta, nem se discute, nem nada. O seu primeiro filho é o espelho vivo de uma vida sóbria e feliz porque cristã. Ele nunca sentiu a falta daquilo que tem dado aos pobres por amor de Deus, acrescenta. E dos 50\$ que vinha dando, passa doravante ao dobro, que tanto vai receber a viúva da Nota da Quinzena.

A respeito deste último caso, também temos hoje algo de grande que merece publicação. Aqui vai:

«Junto envio 50\$00. São para um dos filhinhos da viúva a quem se refere no seu «Verdadeiro sentido de bem fazer».

Não sei se o poderei fazer todos os meses, durante o ano, mas farei tudo o que for possível para que assim seja.

Perdõe-me, ser tão resumida num assunto tão grande, mas eu não sei dizer. Apenas sei chorar as dores alheias, subindo-as, por muito sentir as minhas.

DUMA PECADORA

Isto é nem mais nem menos do que uma declaração de amor a Deus e ao próximo, único amor que nos salva. Por isso mesmo a pecadora lhe chama assunto grande, e não sabe dizer. Quem sabe chorar as dores alheias, já disse tudo.

E já agora que estamos em maré de dar alimento às almas por meio do que as almas dizem, aqui vai a pontinha de uma outra carta:

de toda. Abre a tampa da maceira de onde retira um bocado de pão do tamanho de um punho e explica. Tem ali aquilo reservado para o seu benjamim. Quando ele berra eu tenho de lhe dar uma migalha. Não basta que ele peça, se o fizer mansamente, nada recebe. E só quando ele berra!

Mais admiração. Mais respeito por esta mulher forte que vai ao leme e acalenta os filhos, tirando o pão das pedras! É verdadeiramente como prégador do Evangelho que eu digo ao Mundo estas grandezas e peço aos homens de boa vontade que trabalhem cada um na salvação das suas almas por meio das obras de misericórdia.

E menos fumaças.

«Também nós o chamamos Pai, porque somos pobres. E a nossa alma fica consolada por achar abrigo, encontrando alguém que luta pela Pobreza, pelos Pobres seres que também têm uma alma capaz de se elevar. Gostaríamos de lhe dizer tais coisas que pudessem agradecer-lhe a sua Obra que lhe servissem de amparo para a continuar. Sabemos só que o nosso coração transborda de reconhecimento por vermos o Cristianismo vivido e elevado, por sentirmos esta atracção para os homens, criaturas de Deus.»

Não devo terminar sem deixar aos meus leitores a notícia de que além desta subscritora de 50\$, mais outra se apr sentou com igual quantia; e ninguém duvida que outros se hão-de apresentar.

Do que nós necessitamos

Ninguém queira saber o quanto o como e o quando nós fazemos retiradas do Espelho da Moda! Ali é verdadeiramente o Depósito. A quantidade, a variedade e sobretudo as dedicatórias. Espantoso! É uma perene fonte de riqueza. Todos quantos ali deixam, levam. É assim a economia divina. E não há que perguntar se sim ou não; fique-se sabendo de uma vez para sempre que tudo quanto vai lá ter vem cá ter.

Mais de Lobito 294\$ em louvor da Nossa Senhora do Castelo que se venera em Mangualde. É a Pátria a falar! Cá vem outra vez o Dr. Zéquinhas. Nunca vi ninguém mais metidoço. Mais 50\$ de Lisboa. Mais do Porto 400\$ dos Fixes. Mais da Beira, África, 100\$. Mais 500\$ de Inharrime, também África. Mais de Lisboa 50\$, os Empregados da Secção de Venda de Fósforos. Outra vez 50\$. De dois amargurados. Eles aparecem muitas vezes no Espelho da Moda. Eu protesto. O nome não está bem. Só o pecado mortal tem força e é capaz de causar amarguras na nossa alma, mas para isso há remédio. Remédio eficaz e fácil e pronto. Não quero ver cá mais os amargurados. E se ateimarem, venham contentes. Mais 120\$ do Colégio de Nossa Senhora de Fátima de Castelo Branco. Mais 900\$ de um sacerdote de Ilhavo. Mais 10 dólares de Newark. Mais 40\$ de Vila Real. Mais 293\$70 do Porto Alegre, Professor e Regentes Escolares daqueles sítios. Mais mil entregues no Porto ao vendedor Celestino. Mais duas encomendas postais de Nampula. Mais 200\$ de Viseu. Mais todas aquelas coisas e importâncias deixadas no Lar do Porto. Mais 50\$ de Ilhavo. Mais de Carviçais 60\$. Mais 600\$ da Foz. Mais 15\$ de Lourenço Marques. Mais 50\$ de Chamusca. Mais 100\$ de Luanda. Mais 50\$ da Murtosa. Mais 100\$ de Famalicão. Mais metade para a viúva da Nota da Quinzena. Mais 500\$ de Coimbra. Mais 300\$ do Porto. Mais 500\$ de Gafete. Mais 750\$ de uma Maria. Mais 50\$ da África do Sul. Mais vinte da Figueira da Foz. Mais 100\$ de Gavião. Mais 400\$ de Algueres.

Mais no dia de S. José uma data de ceiras de figos daquele mesmo senhor que vem cá todos os anos naquele mesmo dia, dar o mesmo recado. Ou ele não seja José!

Mais 500\$ do Comandante de Escola Prática de Cavalaria de Torres Novas.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL Já começou a reconstrução da nossa Igreja. Os poucos fieis cá da terra e nós gaiatos já nos sentimos sufocados na nossa pequena capela que se enche completamente aos Domingos e desta maneira quando estiver restaurada será para Deus uma honra, para nós gaiatos e para o pov. cristão desta terra motivo de grande alegria. Já está pronto o vigamento e está já a pôr-se a telha.

— Caros leitores há muito que não damos notícias da nossa Conferência o que não quer dizer que tenha morrido. Otem eramos uns dezassete rapazes os que assistiram à reunião. Brevemente vai desdobrar-se para outra no Lar de Lisboa. Estamos a fazer a lista dos pobres para depois escolhermos os mais necessitados. Foram eles que deram primeiro com o número da nossa porta. Um dia destes vieram ao Lar 25 pobres só num dia!

Já se acabou o açúcar da nossa conferência, que neste momento alimenta t eze pobres todos eles velhinhos, e é claro, como os nossos leitores sabem a melhor esmola que lhes podem dar é um pouco de açúcar que nós confrades lhes levamos de quinze em quinze dias. Esperamos que os nossos amigos leitores não se esqueçam.

A nossa Conferência tem recebido alguns donativos mas tan bém tem feito grandes despesas. Entre elas, só no bodo do Natal gastamos em cobertores, lençois, flanela, camisas, sapatos e dinheiro, 1.095\$00.

— A nossa quinta vai estando formidável! Temos o trigo bem nascido; acabamos agora de semear milho e a batata. Há cá uma vitelinha, duas ninhadas de porcos e uns poucos de borregos. Sempre que aparece alguma coisa nova, faz-se logo uma procissão para lá. São os batatas, os do campo, os dos bois, os das vacas, das galinhas e dos coelhos; vão as senhoras e os visitantes, e tudo diz—ai que lindo que isto é!

Rafael Santos

PAÇO DE SOUSA Os senhores conhecem o Malhado? Com certeza que não conhecem porque ele, se não me engano ainda não veio no Melhor do Mundo.

Ele é muito lambareiro e isso levou-o a pedir um frasco de xarope ao Rui.

Como este não lho desse, ele resolveu picá-lo (roubá-lo) e empiná-lo dum só vez.

Ora aconteceu que o xarope fez-lhe mal e ele já não se podia ter em pé e resolveu ir deitar-se ao sol, seguindo dali para a cama, onde está sem nada de maior.

Isto que sirva de exemplo ao menino Malhado, para que ele não volte mais a ser lambão!

— Caros amigos eu necessitava de uma caneta e por isso venho apelar para os senhores que tenham por aí alguma esquecida no fundo de alguma caixa e que lhes não faça falta. Vamos a ver se os senhores animam!

— Tivemos cá a visita do Rev. Sr. Frei Diogo Crespo, da «FLAMA».

Visitou todas as oficinas e a que ele gostou mais foi da nossa tipografia, pois até nos prometeu enviar-nos a dita revista para nossa instrução.

Agradecemos-lhe a visita e os rapazes da tipografia cá ficam à espera de tão útil órgão que tanto tem trabalhado para a instrução da nossa juventude.

— No próximo mês de Junho voltamos ao Coliseu apresentar todas as actividades desenvolvidas na nossa obra.

Vai toda a gente, desde os batatas, aos que andam na tropa.

Vai ser um sucesso nunca alcançado nos palcos nacionais.

Os senhores este ano andem mais a tempo para não acontecer como o ano passado, que ficou mais de uma casa cheia de fora.

— Nos estábulos da nossa aldeia nasceram mais 10 lindos porquinhos.

A mãe se apanha alguém a mexer nos meninos dá-lhe tamanha ferradela que não lhe apetece mais ir lá bolir.

— Os senhores que ainda não adquiriram o monumental Barredo mexam-se o mais depressa possível porque faltam poucos e não se encontra à venda em nenhuma livraria do País, pois é um exclusivo da nossa Obra.

Prá frente é que é!

— As reservas do Desportivo da Casa Mãe, filial n.º 9 do Sporting Clube da Tipografia, tem jogado contra as primeiras do F. C. das Casas e tem feito bons resultados.

O treinador do Casa Mãe é o Nica. Outro dia disputaram um encontro à disputa de 60 amêndoas.

Ora os senhores façam o favor de tomar nota e ver se isto é ou não a Casa do Gaiato...

— As nossas vacas têm dado muito leite porque temos muita erva e elas levam uma fardadela tod s os dias.

Quem lucra com isso, são os nossos batatas que todas as manhãs tomam uma caneca dele muito quente.

É por isso que eles andam muito gordos.

Daniel Borges da Silva

S. JOÃO DA MADEIRA Amigos Leitores: depois deste grande interregno, eu volto aqui mais um pouco com as minhas novidades. Primeiramente falo da venda. A venda em S. João da Madeira tem progredido pouco. Cá só vendemos cinquenta. O que nos vale é que o Carlos Inácio é um grande descobridor. Com a ajuda de nós já vendemos em Espinho, Ricardo; em Paços de Brandão, General; em Murtosa e Estarreja, Bento. Eu e o Fonseca em Aveiro; João, A. Ueda e Viseu Manuel Risonho. Temos que agradecer primeiramente aos snrs. onde vamos comer. O bem que estes snrs. nos tratam é admirável. Nós que antes só lhe davamos desgostos e os tratamos mal quando eles nos mandavam trabalhar e não nos davam nada.

O ditado diz: amor se paga, mas assim não há regra sem excepção; esta é uma.

Na Murtosa, a linda Murtosa é a que leva a camisola amarela, mas cautela que o Risonho já está a dizer que nos vai tirar a vez. Nessa vila tenho que agradecer ao Sr. Dr. João Carlos pela maneira como me trata. Em seguida também me lá têm dado algumas surpresas como: uma grafonola, flamas, etc. A estes snrs. os nossos agradecimentos.

— Da nossa conferência é que nós não temos tanta alegria; sabem porquê? E temos com um calote de um conto aproximado na loja. Na farmácia também lá devmos uns duzentos escudos. Até à própria casa devemos Nós esperarmos a vo sa generosidade. A nossa Conferência está muito decida. Temos 10 pobres socorridos uma vez por semana. Temos que lhes pagar as rendas dar-lhes mercearia, roupa, calçado, medicamentos, etc..

Este mês só nos podemos valer do dinheiro dos nossos subscritores, que são 250\$00. Então vejamos leitores do «Famoso» como é que nós nos devemos arranjar com este dinheiro só. A Páscoa está à porta. Jesus vai ressuscitar, também os nossos corações de em ressuscitar Jesus que podia ser um Rei e morrer dignamente, antes quis morrer num Madeiro ao lado de dois assassinos e escarnecido pelos entes por Ele salvos. Meditemos e vejamos como somos ingratos.

— No Lar temos uma nova senhora. A outra foi para Paço de Sousa. Agora somos 14 rapazes cá em casa. Todos estão empregados menos eu e o Inácio que andamos a estudar e temos um rapaz também na limpeza. E por hoje mais nada, o que nós queremos é que não se esqueçam da nossa Conferência, são os nossos votos.

Orlando António (Faisca)

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

TODOS sabemos, que o objectivo principal das conferencias vicentinas é o aperfeiçoamento moral e espiritual do militante. Todos sabemos, também, que a acção social destes crescentes aglomerados de cristãos são uma gota de água desprendida do céu para o mar incomensurável da Miséria. Nos meus primeiros tempos de vicentino, mais verde ainda nos meus anos, era fácil encontrar quem me colocava o «problema» das conferencias. Uns atiravam-se ao «misticismo». Outros afirmavam que a nossa acção é por demais diminuta para o necessário e que por isso não apalparam grandes vantagens na sua existência. Aos primeiros, dilicil convencê-los. Só o toque do Alto e a nossa persistência. Os segundos, ainda que no erro, muitos deles gente de bem, quase todos chegavam a convencer-se. Existe neles a Fé e quando sacudida é Chama Viva.

Isto vem a propósito de quê? Eu conto. Numa das nossas últimas reuniões, o Pai Américo sugeriu, com o aplauso de todos que, para espiritualizar mais a nossa divisa de recoveiros dos Pobres, fosse o primeiro sábado de cada mês dedicado a orações, com a assistência à missa, pelos nossos Pobres, principalmente os doentes.

É um dia diferente dos outros. Sentimo-nos diferentes. É o amor a Deus e ao próximo.

— Quanto a finanças isto anda mesmo muito mal. Se não fosse a venda da «vaca da Conferência» estavamos com contos de reis de déficit! Assim continuamos periclitantes, se não vier alguma coisinha. Estamos com encargos crescentes. Dá-nos a impressão e é assim, que cada dia há mais pobres. Tudo se queixa! Onde estará o mal?... Todo o mundo sabe.

De Lisboa, uma carta com letra já muito familiar e com 20\$. De Valadares 30\$. Maceira Lix com 20\$. António Santos Fernandes do Porto com 30\$. De Benguela, em Angola, 20\$; venham mais angolares! Maria Henriqueta de Lisboa 30\$. Um anónimo com 100\$. E para terminar uma carta de algures com 100\$, cuja quantia provém de emolumentos de que resolvi prescindir em benefício dos Pobres. E assina-se: quem não é nada.

Júlio Mendes

Isto é a Casa do Gaiato

Com a chegada da Primavera, começa na nossa aldeia o hino dos passarinhos. Um dos batatas, disse-me esta manhã que já tinha visto andorinhas; e eu mesmo, andorinhas não, mas, como tivesse ido à mata, um passarinho saltando de ramo em ramo, foi meu companheiro dilecto enquanto por lá andei. Aves do Céu, louvai o Senhor.

Dos passarinhos volvamos às aves e estas são igualmente as que fazem dias formosos no seio das nossas comunidades. Que seríamos nós sem elas?! Manhãzinha fora e aí vai o Rocha com um grande cesto de pintainhos, que despeja na relva em frente da Casa Mãe. Prende as galinhas pelas pernas, amarradas a uma estaca e esta metida pela terra abaixo. Deixa ficar e regressa por comida. Volta munido de uma lata. Os pintainhos ao vê-lo, acodem ao seu encontro. E depois é o orvalho, é a relva, são os pintainhos, são as galinhas mães e o doce enfeitado. É o piar dos pequeninos e o cantar das mães. Tudo isto tão sereno, tão pacífico, tão inconfundível que, à vista, dá vontade de rezar! Mas não ficamos por aqui, são também os pardais. Estes conhecem e esperam a hora. Apenas o Rocha vira costas, aí vêm eles pelas sobras. Não temem. Não pedem e até picam nos donos do banquetel! Já é atrevimento! São pardais. Eles são precisos apesar de tudo. Fazem falta na colecção universal.

Depois disto, passemos às pombas. Mais formosura nos dias da nossa aldeia. Como seríamos tristes sem elas! Nos escritórios da tipografia, parece uma desordem o que por ali vai. Mas não; é a ordem.

Parece perda de tempo o que os mais velhos gastam, enquanto espreitam e acariciam; e não. Nunca tão precioso como então. São pombas. As pombas fazem ninhos, põem e chocam ovos, tiram borrachos nas camas feitas por eles, em caixas de papelão com aparas de papel do mais fino, do mais branco, do mais delicado. São pombos. Eles têm vida e poder de voar. Se lhes tocam, se com as mãos as seguram, é com enlevo e admiração que o fazem.

Largadas, elas aí vão e eles ficam! Aves do Senhor louvai o Senhor!

O Fernando Preta, perde um tor de tempo e mais ele tem serviços de muita responsabilidade. Ele é columbófilo, dedica-se, ama. De vez em quando, arranja uma caixa, mete lá dentro umas tantas, despacha pelo caminho de ferro e no dia seguinte espera. Ontem, estando eu à beira dum lago, ele grita-me de longe: olhe aquela que chegou. Era de Coimbra. Levou hora e meia! Nem um Cometa!

E tornamos à gansa. O meu sermão foi escutado religiosamente, pois que na capela o disse. Na altura em que estas regras escrevo, a gansa encontra-se de saúde no seu posto. Passam grandes, passam médios, passam pequenos. Passam os mais pequeninos. Eu também tinha passado e a gansa está. Está no sítio que muito bem escolheu. Mas há mais; a gansa é hoje um número dos ciceroes. Além de todas as maravilhas que existiam, existe agora mais uma: a gansa. A gansa no choco. Aos domingos há bicha. O chefe dos ciceroes quando entrega um a um grupo, recomenda olha a gansa. E os visitantes vão e discutem e deleitam-se. Os de máquina a tiracolo, afastam-se um nadinha, tomam posição e levam ela para casa.

Mas ainda há mais e aqui é que eu temo um bocadinho. É o zelo de

alguns, é a paixão de todos. Eles querem que ela vingue a sua ninhada e porque a gansa não sai do ninho, levam-lhe lá de comer. São ervas cozidas, é carne picada. É pão. É milho e centeio e trigo e arroz. A gansa não vence! Outros mais piedosos, trazem-lhe coisas para compor o ninheiro e colocam-nas ao alcance do seu bico. São penas e é palha e são tiras de papel e fitas de carpinteiro e retalhos da rouparia.

O Manel do Embrulho, que é o meu criado de mesa, fez-me hoje queixa do Cocas. O Cocas também é criado de mesa; da mesa dos senhores. Ora aqui como em toda a parte, os oficiais do mesmo ofício são inimigos. Manel do Embrulho acusa. Insinua. Procura correr com o Cocas, que não limpa bem os pratos, que deixa comida nos dentes dos garfos, que ontem quebrou um pires e mais e mais. Eu oiço e não faço caso. Também eu me podia queixar do Manel do Embrulho, que não há muito, deixou cair o meu jantar pelas escadas abaixo e não foi só o pires; toda a louça que ia no tabuleiro ficou em cacos e eu sem comer! Eu podia dizer mais. Manel do Embrulho não cabe na pele, de gorilo que anda e é tudo proveniente do que ele apanha às escondidas. Ele é um clandestino. Ainda hoje foi apanhado com um bife no bolso! Ora ele que aprenda a tirar primeiramente a trave dos seus olhos que já não terá ocasião de ver no dos outros o arqueiro.

Com grande pesar comunico aos meus leitores que o Manel do Embrulho foi demitido e agora é o Pombinha. O Pombinha é o meu refeitoreiro. Ora acontece que eu tinha uma lata de rebuçados metidos numa caixa com o fim de os dar, por vezes, aos pequenitos que me procuram. Pombinha sabia da lata e dos rebuçados e da finalidade. Um dia, abro a caixa e noto que mais de metade tinha desaparecido. Não era preciso ir muito longe para saber quem foi, mas ele nega. Pombinha, perguntado, nega. É raríssimo encontrar o rapaz que admita e confesse; raríssimo. Tomo a caixa com as sobras e dirijo-me ao Pombinha a quem disse — são teus. O rapaz não contava, transtorna-se. Eu continuo na minha — são teus. É acrescento — quem começa a obra que a acabe. Levas a caixa daqui para fora. — O rapaz deixa ficar a caixa sobre a mesa. Na refeição seguinte repito e ele repete. Não tem coragem. Mais uma refeição e eu ordeno. O rapaz retira a caixa, mas até ao dia de hoje, tem-na no refeitório das senhoras, tal como a deixou. O que dantes era doce, hoje é amargo!

Isto é a Casa do Gaiato.

Este de quem falamos foi há dias ao Porto com a senhora da cozinha. Preparou-se com a roupa do domingo e um lenço de três pontas no bolso do casaco e em cima do lenço um lápis a reluzir e uma gravata que nunca tinha servido e tudo muito bem só os pés é que não. O Pombinha ateimou levar uns sapatos que não eram dele nem lhe serviam, mas eram muito lindos. Eram de renda. Ele tentou se. Daqui à estação é um nada. No combóio ia sentadinho. Mas no Porto é que foil Desata a chorar atrás da senhora, que não podia mais. Descalçar-se não, com medo do Cara Lavada. Automóvel, não havia título nem dinheiro. Que fazer? Regressar. A senhora da cozinha deixou as coisas por fazer e os dois foram para a estação e sentaram-se num banco até o combóio apitar.

Temos hoje por abertura uma esplendida bandeira. Ei-la:

AGORA

Vai aqui uma prestação de 200\$. De Lisboa vão três velas

«Fui há semanas pela primeira vez visitar quarto casinhas do Património dos Pobres.

Confesso que me causaram tão boa impressão, que tomei para comigo nessa ocasião o compromisso de logo que realizasse dinheiro, o entregaria no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, na conta do Património dos Pobres, o que já ontem fiz.

Nesta carta queria lembrar a todos os que sentem satisfação em auxiliar os pobres, que façam uma visita a essas casinhas.

Assinante n.º 8921.

Por muitas maneiras e tempos, temos nós dito da vantagem que vai na construção de casas do Património à beira de estradas. Quanto maior movimento melhor. Nem se chame a isto vaidade ou glória de quem manda construir. Não. Obras desta natureza só se realizam por amor de Deus. O que nós queremos dizer ao pedir bermas de estradas para leitos de casas de pobres, é que elas ficam sendo proveito, riqueza, incitamento, tudo. Quem o diz? A carta acima. É um senhor do Porto. Não dispõe de capitais, tanto que esperou ocasião de poder realizar algum dinheiro e apenas o fez, deposita no Banco 36 contos para três casas. Mas ele não fica por aqui. Ele vai mais longe. Pede aos desconhecidos que sentem satisfação em auxiliar os pobres uma visita a essas casinhas. Incitar os outros é mais do que dar. Ele tem força e autoridade para o fazer; deu três casas!

Hoje é a procissão dos grandes feitos. Vai aqui outra bandeira e esta do ultramar. Ora queiram arrumar-se. Mais por largo. Nada de apertos. Deixem passar e leiam com muita atenção:

«Quando da sua humanitária visita a esta terra, este corpo administrativo, por intermédio do signatário, prometeu que, oportunamente, seria enviada a quantia de 15.000\$00 destinada à construção de uma casinha denominada «Município de Gaza» e ainda para a compra de um suino e de algum mobiliário, a ser reintegrado nessa grandiosa Obra de solidariedade humana, que se chama «Património dos Pobres.»

Cumprida esta promessa com a inclusa remessa do cheque de Esc. 15.000\$00, resta-nos, interpretando o sentir unânime da população desta vila, apresentar os votos mais sinceros de uma longa vida, tão necessária a mitigar o sofrimento dos pobres do nosso querido Portugal.»

Reparem nas últimas palavras desta carta tão portuguesa e notem como o sentimento dos pobres anda junto de Portugal!

A quinzena passada era o Município da Beira. Hoje é o Município de Gaza. Que dirão a isto tudo os do Continente?!

Mas nós não ficamos por aqui. Agora é o Algarve. O Algarve vai hoje na procissão, tanto para admirar quanto é raro ver aqui algarvios. Pois vai sim senhor; é uma casa. E não qualquer, senão uma que se reveste de rara particularidade; o senhor que a oferece, por muito apegado a uns milhares de placas de 10 escudos, quebra os laços do apego e faz das placas pedras de construção! Os senhores animem-se, deixem passar estes heroísmos, que pela beleza deles, facilmente chegamos aos heróis.

de 100\$. Do Porto 250\$. Atrás vai Chaves com uma telha de 100\$. A fechar vai o jovem rico com sua mulher e filhos e levam na mão 1.500\$, por conta de uma casa. Eles são do Porto.

P. S.—Por este meio se avisa o Visitante que nos deixou 15 mil cruzeiros para uma casa, com recado de pedir mais, se aquela quantia provasse insuficiente. Provou sim senhor. Tornamos ao tempo do dinheiro fraco. Dinheiro do Brasil. Já não temos o ela por ela do Cândido Dias. Os quinze deram nove e aqui está. Seja nas famílias, nas irmandades. Organismos ou Nações; não tendo tino os mandantes, segue-se que são muitos os que têm de sofrer. Somos nós todos. Aonde dantes 15, hoje 9. Basta.

A venda em Águeda

Desta vez só vendi 61, e sabem os amigos leitores porquê? É que estava muita gente para Coimbra, ver a Académica-Barreirense e para Aveiro à Feira de Março. Fui comer a casa da mãe da sra. D. Maria Aguiar. Já que a quinzena passada falei na venda em Viseu, também desta vez não quero deixar de falar. Fui e vendi 189. Eram 10 horas e eu tinha vendido 10 jornais. Depois lá chegou a missa das 11 horas e a da 1/2 e o que nos vale é o sr. Prior avisar; se não fosse isso não se vendia nada.

Desta vez encontrei o chefe dos porteiros do Estádio do Fontelo e fiz-lhe sinal de parar. O homem parou, mas era capaz de não saber para o que era. Dirigi-me a ele, mas mal me ouviu perguntar se ele é que é o chefe dos porteiros do Fontelo, virou costas e andou. Espero no entanto que me deixe entrar no Académico de Viseu e Sanjoanense.

— Amigos Leitores, eu faço anos agora no 21 do corrente. Espero por alguma prenda dos meus antigos fregueses da cidade do Porto e também destes a quem eu hoje vendi o Famoso.

Estou a acabar de fazer esta crónica quando cá chega o Carlos Inácio com uma carta de Lisboa que trazia selos da França, América, Tânger, Brasil, etc.

A este sr. Lisboaeta muito obrigado. Agora só falta receber um album.

MANUEL FIGUEIREDO (Risonho)

A Venda do Jornal

Sempre se vai aprendendo a escrever, após o tempo, a prática e os estudos. Desde que principié a tomar conta deste epígrafe, Venda do Jornal, já antes o nosso Pai Américo escrevia, contando as habituais notícias desta missão. Desde então comecei eu com este cargo. Talvez os amigos leitores não devam de estar muito satisfeitos com os meus escritos. Não é verdade? É claro que não tem aquela matéria, com que escreve o nosso Pai Américo. Também ainda não tenho possibilidades. A nossa inteligência não atinge onde nós desejamos chegar. Aqui é que está o segredo!

Como ultimamente disse, completei 16 anos feitos em Março deste ano corrente. Não se descreve a alegria que eu nesse dia senti — o dia mais feliz da minha vida. Oh! que dia tão solene, que jamais será esquecido entre os meus colegas da Casa do Gaiato, só por ter o dia livre. Não trabalhei. Ainda há mais; as prendas que os meus fregueses do jornal me ofereceram, parabéns, cartas e por fim também um telegrama. Não se descreve o resto passado nes e dia. Oh! alegria que só voltará de hoje a um ano!

DE VIANA: Fui eu e o Récio, onde fomos comer ao Colégio do Minho. Com esta é a terceira vez que nós visitamos este colégio, onde estão perto de trinta rapazes a estudar.

Correu tudo muito bem e vendemos os jornais todos.

— Quanto aos vicentinos desta cidade, continuam com a grande obra de caridade, fazendo casas para pobres, uma obra que nós todos devíamos admirar. Tudo isto eles fazem a bem da Pátria Portuguesa. Há testemunhos de interesse e de benevolência que fazem melhor efeito e são na verdade mais úteis do que todas as dádivas. Muitas vezes não é uma esmola bastante avultada que se pratica uma boa acção. É também necessário ajudarmos certas pessoas que realmente se sentem desanimadas da vida. Se nós pegássemos nessa pessoa acarinhando-a moralmente e repartíssemos os nossos haveres, isso então era alguma coisa. Note-se; para sermos felizes, devemos dar felicidades aos outros.

MANUEL HENRIQUE